

**Implicações, formulações e insurgências:
desdobramentos de uma pesquisa em dança**

*Implications, formulations, and insurgencies:
developments of a dance research*

Iara Cerqueira Linhares de ALBUQUERQUE¹

Resumo

Este artigo discute referências conceituais e estéticas a partir de uma pesquisa que investiga a alteridade como ativação dos corpos e como possibilidade de resistência frente a atitudes de ódio e outras formas de controle e submissão nos espaços em que os corpos se manifestam. A abordagem qualitativa e o recorte epistemológico são orientados por uma perspectiva de artista-pesquisadora em dança, que valoriza a escuta de narrativas silenciadas e a ruptura com dicotomias que atravessam e moldam cognitivamente os corpos no contexto contemporâneo. Foram eleitas palavras-chave em diálogo com a alteridade, com o intuito de afirmar a arte como força capaz de romper com categorizações marcadas por violências estruturais oriundas de um pensamento moderno. Conclui-se que o entrelaçamento de experiências e epistemologias diversas pode contribuir para a constituição de novas formas de ação corporal, promovendo transformações na compreensão das relações interpessoais e iluminando a urgência de imaginar mundos possíveis de forma coletiva.

Palavras-chave: Arte. Alteridade. Dança. Narrativas. Experiências.

Abstract

This article discusses conceptual and aesthetic references based on research that investigates otherness as an activation of bodies and as a possibility of resistance against acts of hatred and other forms of control and submission in the spaces where bodies manifest themselves. The qualitative approach and the epistemological framework are guided by the perspective of a dance artist-researcher, who values listening to silenced narratives and breaking with dichotomies that cross and cognitively shape bodies in the contemporary context. Keywords were selected in dialogue with otherness, aiming to affirm art as a force capable of breaking with categorizations marked by structural violence rooted in modern thought. The article concludes that the intertwining of diverse experiences and epistemologies can contribute to the development of new forms of bodily action, promoting transformations in the understanding of interpersonal relationships and highlighting the urgency of collectively imagining possible worlds.

Keywords: Art. Otherness. Dance. Narratives. Experiences.

¹ Doutora em Comunicação e Semiótica – PUC/SP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL/UESB). Email: iara.linhares@uesb.edu.br

Introdução

A epistemologia que impulsiona o desenvolvimento desta pesquisa² é a *Teoria Corpomídia* que, aliada ao conceito de alteridade, oferece possibilidades para investigar narrativas diversas no campo de processos de criação, analisando estéticas composicionais em artes cênicas, a partir de algumas palavras nucleares como: *insurgência, escuta, corpar e indisciplinaridade*.

Além desses fundamentos, o estudo dialoga com outros referenciais teóricos – que serão apresentados ao longo do artigo - promovendo o entrecruzamento entre filosofia, comunicação, ciências cognitivas, sociais e políticas. Essa abordagem busca refletir sobre a relação entre teoria e prática artística de criação, considerando os corpos como coconstitutivos, politicamente regulados e assimetricamente apresentados nos diferentes contextos em que se manifestam.

A escolha desse recorte epistemológico decorre de sua característica principal, qual seja: o movimento é sempre uma ação não finalizada da relação corpo e ambiente, na qual o corpo faz insurgir outras formas de ser/estar (Katz, 2011).

Dessa forma, a pergunta desencadeadora da pesquisa foi: *Como a potência micropolítica encontra na experiência da alteridade operadores de movimentos, ao se lançar em processos de experimentação de narrativas ativadas e impactadas pelo contexto que habita?* Apesar de não ser um tema novo, a alteridade tem se colocado em evidência na atualidade, a partir de alguns artistas que buscam tornar explícitos suas experiências silenciadas, fazendo desses espectros singularidades potentes em seus processos de criação.

Pesquisadores como Christine Greiner, Helena Bastos, Achille Mbembe, Helena Katz, dentre outros, têm demonstrado o papel fundamental da arte em descortinar o modo de se constituir no mundo, a partir de um processo que se compõe de movimentos, explicitações, desestabilizações, podendo gerar reflexões sob novas perspectivas a partir da conjunção de imagem e movimento. Assim, para existir, acordos são necessários, da mesma forma que para dançar são estabelecidas relações, produzindo novas possibilidades de movimentos, que inclui o modo de lidar com as questões de mundo, e

² Este artigo integra uma pesquisa de pós-doutorado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da ECA-USP (PPGAC–ECA/USP).

nesse caso, com as restrições que impedem o corpo de atuar livremente em espaços comuns.

Alguns artistas vêm se debruçando em pensar arte e performances contemporâneas como regimes de enfrentamento, fazendo uma leitura crítico-performativa em suas obras, cujos processos são dotados de forças interventivas, fazendo germinar novas potencialidades políticas e estéticas. Artistas como Wellington Gadelha³, Jota Mombaça⁴, Padmateo⁵, dentre outros, estruturam-se e engajam-se corporalmente a partir de suas experiências necropolíticas como substância vital capaz de reverter o roteiro da morte (Costa; Greiner, 2020). Desse modo, essas experiências pessoais de quase morte são compreendidas como capazes de criar outros modos de vida a partir de seus processos de sobrevivência, oferecendo-se como uma opção possível de pensar um futuro melhor.

Importante lembrar que o Brasil traz uma herança de escravidão mercantil, sendo assim a escolha por citar esses artistas que pontuam a heterogeneidade desses corpos e dos ambientes que vivem, tal qual a potencialidade e a urgência em se manter vivos. Nesse propósito, na feitura desta pesquisa, a autora buscou participar de atividades diversas como: seminários, experimentos, exposições, entrevistas, apreciação de espetáculos, webinar, grupo de pesquisa, dentre outros, sempre buscando olhar os processos em semiose e refutar qualquer pensamento individualista ou uma concepção privilegiada e fechada em si, pois as estruturas atuais estão a cada instante conformando o corpo, agindo e reagindo de um ou de outro modo na vida, assim romper, conforme propõe Katz (2011), com a visualidade determinante de redução da dança, somente com um certo tipo de movimento.

Dessa forma, segue-se problematizando, crítica e curiosamente, e alargando os conceitos de alteridade à insurgência (Butler, 2018), escuta (Bastos, 2020, 2022), *corpar* (Katz, 2021) e indisciplinaridade (Greiner, 2005), tendo o corpo como força vital e de

³ Wellington Gadelha é um artista-favelado multidisciplinar, tem interesse pelas relações no campo contemporâneo a partir da composição com materialidades, improvisação e construção de visualidades.

⁴ Jota Mombaça ou Monstra Errátik e Mc K-trina, é escritora e artista visual brasileira que trabalha em torno das relações entre monstruosidade e humanidade, estudos *queer*, diáspora, violência e resiliência, justiça anticolonial, ficção visionária e tensões entre arte e política nas produções de conhecimentos do Suldo-Sul globalizado.

⁵ Padmateo Menezes é uma artista baiana brasileira que apresenta performances e instalações em espaços culturais e artísticos. A artista é conhecida por seu trabalho no gênero não-binário e tem uma presença significativa nas redes sociais.

possíveis potencialidades da vida. O impulso inicial para pensar esse tema aconteceu a partir da leitura do texto *Corpo sem vontade imerso em coisas vivas*, de Helena Bastos (2020). Esse artigo funciona como um alerta, contribuindo para a reflexão sobre possíveis caminhos do corpo que dança em contextos de violência, compreendido como forma de resistência à necropolítica. A frase: “Que lugar é dado a vida? Talvez, uma ideia de escuta possa nos afinar sobre que corpo vem se projetando e se intensificando ao nosso alcance” (Bastos, 2020, p.5) trouxe a possibilidade de compreensão dos complexos modos de investigação sobre questões *do/no corpo* como estado de criação e ativação aos corpos em geral e o quanto o porvir exigirá também uma escuta afetiva e ampliada para restaurar a dimensão poética da vida.

Na sequência desse percurso, uma pesquisa artística desenvolvida com estudantes da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia reafirmou essas proposições. Constatou-se, à época, “que “ocorrências ‘reais’ implicam-se e ampliam canais sutis de ativação nos corpos, na continuação, ativam novos hábitos sensórios-cognitivos, afirmando como um lugar possível de amorosidade, acolhimento e aprendizado recíproco” (Albuquerque, 2023, p. 228).

A escolha e o caminho seguido para pensar a alteridade ocorrem de maneira dinâmica, em *moveres*, pulverizado em aulas, seminários, encontros, estudos, escritas e referências bibliográficas. De certo modo, a apreciação dessas obras apresenta-se como uma reivindicação contra as diversas formas de preconceito que persistem, buscando emergir/apresentar nos corpos em geral, e não apenas nos *performers*, outros modos de vida. Assim, diante de situações contemporâneas que por vezes parecem impossíveis de serem vividas, observa-se como certos agenciamentos se inscrevem nos corpos e se manifestam em cena.

Essa perspectiva encontra eco no pensamento de Antônio Bispo dos Santos (2023) sobre confluências na relação de escuta e diálogo, como um processo que integra e organiza ecologicamente as dimensões da vida. De fato, a partir desse pensamento – confluências, provocam-se deslocamentos que precisam ir ao encontro desse tensionamento, a partir de cotidianos diversos, que têm na arte a possibilidade de ressignificar cicatrizes moldadas por regimes autoritários, que carimbam e modulam corpos, deserficando-os, e transformando esses corpos em sujeitos vampirizados de uma necropolítica estrutural.

Busca-se, assim, manter o interesse em ativar narrativas com *performers*, espectadores, colaboradores, coautores e pesquisadores que se fazem impactados pela contradição que habita o fazer política hoje. Ressalta-se que *discursos são corpos* e que, imersos em bolhas que reproduzem modos de vida separatistas, observa-se a atuação implícita dos mecanismos de dominação nos meios tecnológicos. Estes operam de forma a intensificar a competição generalizada, ampliando o alcance do capital (Mbembe, 2021).

Constata-se que a experiência cotidiana está permeada por imagens que se devoram mutuamente (Baitello Junior, 2014) e, ao mesmo tempo, servem de alerta para ativar de maneira conscientes esta inserção no ambiente karaokê, no qual o replicar se faz como pertencimento de um determinado grupo, e quem não está dentro desse karaokê, pertence ao outro lado, os “eles”. Essa é também a lógica do viver online por tantas horas todos os dias (Katz, 2019) e como no corpo que as coisas acontecem, o corpo coloca tudo em movimento fazendo-se e tornando-se a própria materialidade sígnica. A partir dele pode-se pensar os processos estéticos compositivos em práticas e contextos diversos.

A fala da Profa. Gilsamara Moura, ocorrida no “I Seminário: Subversão e Resistência das Artes em Tempos de Caos”, na Roda de Conversa: “Censura, subversão e resistência das artes no pós-golpe de 2016”, chama a atenção pela sua narrativa, pontuações e ações narradas, assim como para a implicação em arte, natureza, vida e política, perfazendo seu pensamento aglutinador.

Importante trazer esse assunto neste atual momento. Essa fala da professora cheia de amorosidade, experiência e força, apresenta com ênfase uma tessitura a partir de verbos que são ações como resistência e enfrentamento aos pensamentos da atual condição necropolítica, contra qualquer tipo de violência. Ao mostrar as implicações desses verbos na sua prática artística e pedagógica como *modus operandi* de seu processo profissional, que também é pessoal, Moura (2014) chama atenção para questões que, em alguns momentos desta pesquisa, encontra ressonâncias no que diz respeito a romper com os novos mecanismos de dominação que emergem, sejam de maneira abstrata e desmaterializada, principalmente em corpos femininos. Como por exemplo, o que se vive em curso com as redes sociais, gerando um tipo de esgotamento que opera em todos sem exceção.

Eu estou trazendo aqui pra vocês alguns verbos que são ações. Então, “conhecer”, esse verbo que tanto nos mobiliza nos estudos, como “conhecer”, ele se dá com as pesquisas, as ideias, as propostas, as

confabulações que nós fazemos. Isso tudo são mecanismos de conhecimento, são possibilidades de conhecimento. “Escutar”, praticar a escuta afetiva, refletir, não rejeitar ou agredir, e colaborar. Porque também existe uma tendência, aquilo que eu não conheço, ou que não me toca, que não me afeta, eu rejeito, ou eu agrido como, “Ah! Isso não interessa, isso não é uma coisa bacana”. Então, é uma outra provocação que eu faço em relação a tudo, não é? Então, por que que a gente não pratica a escuta afetiva? Por que que a gente não tem uma proposição mais colaborativa ao invés da rejeição? Um outro verbo aqui, uma outra ação que eu proponho é “debater”, e esse debater ele tem a ver é (com) “ir pro chão”. O fazer aí tem um debate horizontalizado (Moura, 2024).

De fato, somos constituídos a partir de atos e ações e na relação corpo e cultura, assim, pode-se conceber a arte como capaz de subverter e materializar outros modos de ser/estar/ver em conjunto nas relações, corpo, contexto, tempo e espaços. Nesse sentido, destaca-se a pergunta feita por Bastos (2020, p. 102), “*E por que não paramos, pausamos, respiramos e escutamos ao invés de respondermos de imediato?*” Tal questão se coloca ao mesmo tempo como uma provação e uma convocação à ação, da mesma forma que a fala de Moura (2024), potencializando e fazendo *corpar* os discursos que povoam as redes sociais, da violência que aparece diariamente em imagens e nas *fake news*, principalmente, em situações em risco, no caso, provocados de tal maneira que envolve questões políticas, na despossessão econômica e mortes em série.

Assim, Bastos (2020) contribui para redimensionar a proposta de pensar alteridade e impulsiona a mobilização nesse tempo “sem tempo”. Sua proposta insurgente enfatiza um lugar de destaque na dimensão do criar, sentir, cuidar, fazer, pensar e do acolher corpos em suas vulnerabilidades. Convoca todas as pessoas a um estado de corpo atento, que precisa estar em conexão e em prontidão, levando à aproximação desses movimentos e ações artísticas, levando ao questionamento: *por que não arrazoar também essa escuta?*

Para tanto, é importante uma atenção profunda a artistas que se fazem marcados e marcadas pela experiência em seus corpos materializados pela territorialidade violenta que atuam, assim como vivem, buscando *arrazoar também essa escuta* entre aqueles que estão ao redor, como espectadores, leitores, apreciadores, coautores, transeuntes, iluminadores, redatores. Segundo a perspectiva de Costa; Greiner (2020), ao deslocar seus sentidos desta experiência de morte, eles mostram singularidades e enviesamentos que se pode compreender como a singularização de um corpo-periferia.

Esse artigo objetiva apresentar uma reflexão sobre a alteridade entendida não apenas como reconhecimento do outro, mas também como ativação a variados corpos e

como dispositivo de resistência frente a atitudes de ódio e outras formas de produção e assujeitamento nos espaços em que esses corpos atuam.

A hipótese é que a arte, ao subverter e materializar outros modos de ver em conjunto nas relações, corpo, contexto, tempo e espaços e constituir conexões, quer seja como estado de criação e/ou ativação aos corpos em geral, mostra-se essencial para pensarmos mundos possíveis e alternativos, com respeito, sem binarismos, com igualdade de direitos e sem assistencialismos, dessacralizando o hermetismo constitutivo de uma sociedade que pouco acredita em cultura, saúde e educação.

A metodologia, de abordagem qualitativa e do tipo exploratória, segundo Flick (2004, p.21) mobiliza espaços, pessoas e demonstra que “(...) os campos de estudo não são situações artificiais em laboratório, mas as práticas e interações dos sujeitos na vida cotidiana. Aqui, em particular, situações e pessoas excepcionais são frequentemente estudadas”. Apresenta-se a Teoria *Corpomídia* como possibilidade de complexificar narrativas abafadas e romper com dicotomias que seguem atravessando e habitando cognitivamente os corpos viventes.

A opção por uma análise em diálogo com palavras-chave associadas à alteridade constitui-se em uma perspectiva que amplia o olhar sobre os diversos corpos, ratificando a arte como responsável em romper com qualquer tipo de categorização infiltrada na violência e com a condição forjada pelo pensamento moderno.

Não são somente palavras

Durante o processo de pesquisa, além dos autores citados, tornou-se necessário engendrar um diálogo outros pesquisadores que colaboram para se pensar alteridade numa perspectiva política, social e cultural. Entre eles Stefano Mancuso, Aydar Prado, Silvia Federici, Ailton Krenak, Asad Haider, Byung Chul- Han, David Lapoujade, Vlademir Safatle, Luiz Rufino, bel hooks, Clay Shirk, dentre outros. A escolha desses autores como base para a revisão bibliográfica e conceitual permitiu uma atualização crítica sobre as relações que se estabelecem em diferentes contextos. Cada um desses autores, a partir de uma abordagem teórica, propõe maneiras de discutir questões que friccionam diferenças como: relações cruzadas, criação de comunidade, conexão entre pessoas, convocações como capturas, consumismo desenfreado, proliferação de espaços de violência, narciso nas nuvens, mundo vegetal e organização humana como modelo a

seguir, luta igualitária, corpos e opressões – mulheres disciplinadas, existência, encruzilhadas e gingas, arte e direito, positividade do igual, transparência como dispositivo neoliberal e assim por diante.

Essas citações não dão conta da complexidade apresentada por cada autor, mas foram selecionadas com o intuito de direcionar a reflexão de maneira enviesada, por caminhos não convencionais. Enfim, nesse mar de informações – além de outros autores não citados – adentra-se em um grande jardim de conhecimentos. A metáfora do jardim possibilita pensar em vários lugares que normalmente seriam incompatíveis, porém como um espaço vivo, que não pode ser controlado. Assim, de certa forma e de maneira utópica, espaços outros de sobrevivência nesse ambiente virtual (Foucault, 2013).

A ideia de um jardim de conhecimentos é apresentada na tentativa de adentrar e experimentar com esses autores, promovendo trocas constantes e possibilitando deslocamentos sempre que necessário, proporcionando a invenção espaços outros que permitam pensar e perceber o mundo em outros lugares. Essa abordagem traz a perspectiva de *deslocar para permanecer* (Albuquerque, 2016) sempre que necessário, como possibilidade de viver - e trocar os espaços que já existem como resistência/existência - dentro de qualquer ambiente em *moveres*, que não é somente movimento.

O movimento aqui citado não é qualquer tipo de movimento, no qual a maior parte dos humanos pensa em deslocar simplesmente pelo espaço, apoiado pela mobilidade e na visualidade, a proposta não é pensar hegemonicamente, mas um tipo de movimento que é sempre uma ação não finalizada, que se torna corpo em relação ao espaço, ao ambiente, aos encontros, codependentes e em fluxo inestancável de comunicação, produzindo mudanças segundo a *Teoria Corpomídia* (Katz; Greiner, 2005).

Dessa forma, a alteridade é investigada a partir da potência das narrativas silenciadas em processos de criação em dança, com *performers*, espectadores, coautores e pesquisadores que se fazem impactados pela brutalidade que habita os espaços hoje, destacando-se o quanto a arte é capaz de subverter e materializar outros modos de ser/ver em conjunto nas relações, corpo, contexto, tempo e espaços.

De início foram escolhidas e analisadas duas propostas artísticas e pedagógicas a partir de instituições escolares, buscando ratificar a experiência que fundamenta a vivência nessas duas produções: *Sete Tons de uma Poesia* e *Corposcardumes insurgentes: ativando modos existência e reapropriação da vida*. As proposições

artísticas escolhidas inicialmente têm no corpo a possibilidade de gerar mudanças e, com isso, modos de vida em forças conjuntas a partir de caminhos diversos, que vivenciem seu tempo e o tempo que for necessário.

Ambas as experiências se interseccionam quando simulam estados de alteridade, a partir de conexões entre dispositivos disparadores de movimento, resultando como isso a possibilidade de explicitar e operar processos que envolvem o modo como lidar com a violência, o racismo e o preconceito em ambientes periféricos.

Outra vivência importante para o desenvolvimento do tema aqui tratado foi a participação da autora no “I Seminário: Subversão e Resistência das Artes em Tempos de Caos”, na Roda de Conversa: “A crise na política brasileira e arte como dispositivo de luta contra os microfascismos”, em que foi possível evidenciar que as preocupações dos participantes estavam, muitas vezes, ligadas ao “seu” processo de pesquisa em particular, e que a arte enquanto discussão, foi pouco acessada. É relevante apontar que, apesar da participação de artistas na conversa, a exclusão manifestou-se possivelmente pela limitada proximidade de alguns presentes com o tema ou pela redução da escuta e da paciência, aspectos que parecem cada vez mais comprometidos na dinâmica cognitiva contemporânea.

De acordo com Greiner (2017) a arte tem se mostrado necessária e apta para simular discussões sobre alteridade, fazendo conexões entre escuta e reflexão, a partir dos corpos em suas apresentações, internalizando e gerando com isso mais abertura e reflexão às questões ligadas aos modos de existir em determinado ambiente. Torna-se importante traçar caminhos que ajudem a pensar como ativar os corpos em geral, a partir da alteridade e além do estado de criação, buscando não perder de vista, enquanto artistas/docentes, em acordo com a importância de práticas artísticas, pois se tornam efetivas quando se fazem afetivas, transversais e dialógicas.

De certa forma, todas as práticas que envolvem arte são potentes quando buscam romper com qualquer tentativa de transformar as relações entre pessoas em meros atores de um processo de docilização, que estrutura e disciplina os corpos em qualquer ambiente. Dessa forma, foi importante a aproximação com a pesquisa “Bordados de Corpus nas Dramaturgias de Testemunhos” desenvolvida por Helena Bastos (coordenadora do projeto) e Vanessa Macedo (pós-doutoranda na época e uma das pesquisadoras que atuou no projeto) desenvolvido de setembro de 2021 a abril de 2022 na Ocupação José Bonifácio 237 (Centro), ligada ao Movimento de Moradia Central e Regional (MMCR).

Ambas as pesquisadoras passaram a observar em suas metodologias de ensino, pesquisa, e trabalhos artísticos, confluências e juntas traçaram nesse projeto práticas para esta pesquisa, atuações coletivas, buscando refletir e atuar em ações pedagógicas, acadêmicas e artísticas. O ato de bordar em lenços brancos com linha vermelha, permeia toda proposta coletiva nesse projeto.

Helena Bastos e Vanessa Macedo (2022) mostram o quanto a escuta, o silêncio e as falas são importantes durante esses encontros para compreender quais corpos estão sendo projetados e intensificados nesse alcance, e a dimensão poética dessas ações como um posicionamento político. Observa-se a importância das trocas que aconteceram a partir do envolvimento entre essas mulheres da Ocupação José Bonifácio e o quanto o gesto de bordar/contar histórias se produzem enquanto qualidade dessa escuta, que nunca é passiva, se faz *corpando* as informações em coletivo.

Como mulheres, artistas e professoras, quaisquer que sejam os objetivos que as impeça de agir, torna-se importante se organizarem como um exercício amoroso, que sente e vibra em coletivo, nas escutas, trocas, partilhas e colaborações que envolvem pessoas diversas, sem binarismos e que lutam em atos que expressam indignidade frente a um sistema que as precariza diariamente.

Esta reflexão pretende discorrer sobre o que compreendemos como prática feminista, alertando desde já que não se incide sobre uma metodologia gerada unicamente por mulheres, mas que se sublinha um jeito de agregar e aglutinar discursos que enfatizam a solidariedade entre aqueles e aquelas que exigem seus direitos, além de um exercício de retirar as mulheres de uma certa invisibilidade quando se trata de violência. Nessa direção, uma determinada crise se instala, provinda das relações com o mundo, no mundo e daquilo que se reconhece com o outra/outro. Fala-se muito em empatia, a possibilidade de colocarmos no lugar do outro, diante de desafios no dia a dia que produzem um certo sofrimento reconhecido por cada pessoa. Por outro lado, sabemos da impossibilidade de nos colocarmos no lugar de alguém. Mas podemos nos aproximar e pensar qual deslocamento se faz possível junto com alguma pessoa, quando determinada crise nos envolve. Nesse contexto, o melhor termo a discutir é alteridade, pois ela nos indaga sobre nossas singularidades nos diversos modos de vida que vamos encontrando (Bastos; Macedo, 2022, p.685).

A luta continua na busca a romper o modelo que persegue os dias atuais, que implica numa catequese aos corpos, principalmente das mulheres, na lógica da subordinação e da opressão, como tentativa de dominação. A partir dessas informações aproxima-se da proposta de Mancuso (2024) no qual todo ser vivo é livre e que os animais e as plantas

migram como estratégia natural de sobrevivência. Reflete-se o quanto isso traz a importância de apoio mútuo e assim seguir pensando outras maneiras de conviver.

Diante dessas aproximações, é importante atentar para os discursos que as mídias digitais em sua política individualista vêm plantando diariamente, vinculando determinados corpos em detrimento a diversidade, quando apresenta retaliações a pessoas que pensam diferente. Justificando que alguns “podem falar” e outros não, um tipo de receita de empoderamento que estimula o contrário do que se busca no coletivo, que é dialogar, e exercitar sempre que possível em grupos diversos ao que não se faz familiarizados.

Nesse ponto, este estudo se aproxima do termo *camaradagem*, segundo Jodi Dean (2021) para se pensar sobre alteridade, deslocando também, como um exercício contínuo de experiências grupais e resistência, propondo uma relação que une trabalho, confiança e luta.

A *insurgência* (Butler, 2018; Dean, 2021) ratifica esse caminho alternativo de engajamento político mostrando a importância de se estar junto, para permanecer vivos, pois como seres dependentes uns dos outros, é importante seguir indiferente às categorizações que são normalizadas. É possível observar no conceito de *camarada* (Dean, 2021) uma relação direta com artistas da dança, quando se postula um tipo de relação política de comprometimento com determinados trabalhos e na busca a derrubar um sistema normativo, patriarcal, misógino, colonialista, imperialista, racista, sexista, capitalista e homofóbico. Ressalta-se também o exercício de uma prática que aproxima, na busca a uma relação entre iguais com suas diferenças, assim como aqueles que se encontram engajados do mesmo lado de uma luta política que engendra a alegria, o entusiasmo e a coragem de um trabalho político. A partir da pergunta inicial, é possível mapear alguns trabalhos artísticos para seguir pensando arte, alteridade e possíveis desdobramentos em dança.

Esse pensamento movimenta *moveres* numa perspectiva crítica e exploratória, adentrando em alguns processos de criação que tenham danças como testemunho. Um testemunho que inclui memórias, lembranças, arquivos, relatos e narrativas pessoais. *E quais danças seriam essas?* Existem inúmeras produções que estão sendo feitas atualmente no Brasil. Alguns artistas e textos foram destacadas, porém a escolha desta e de outras descritas se deu a partir do seguinte critério: danças com propósito e responsabilidade.; danças que trazem nos corpos sobreviventes, troca de informações,

relações, consistências e dissensos; danças que não se uniformizam pela ação conjunta, mas jogam com realidades e corpos em presenças reais na cena; danças que têm no tempo sua dilatação necessária para acontecer e não estagnar; danças contra a luz que insiste em nos cegar.

Uma dessas obras escolhidas para ser observada traz em seu contexto a diversidade de informações estéticas. Os artistas em *E nunca as minhas mãos estão vazias*⁶ (Duarte, 2023) trazem em seus corpos deslocamentos como condição natural de continuar movendo, mostrando a insurgência como caminho alternativo, ao exercitarem a indisciplinaridade (Greiner, 2005) em tempo real com jogos e movimentos que abrem a questões de pertencimentos, principalmente quando cruzam falas com gestos e sussurros como tentativa de mostrarem o quanto seus corpos não são figuras descartáveis, mas ao *corpar* (Katz, 2021) informações estão prontos para criarem novas formas de ser, dialogar e criticar o sistema, observando-se em momentos em que a pausa se faz cena, nos longos processos de reinvenção de figurinos, como uma crítica ao consumo desenfreado. A obra mostra como caminhar para a continuidade das vidas mesmo precárias (sim, a vida está em precariedade) ou até mesmo dar atenção e respeito aos estágios naturais de um processo de vida, como nascer, crescer e morrer. Segundo o diretor, essa produção aconteceu a partir de um momento de indignação política, ressaca de um processo de afastamento pela crise sanitária e mortes.

Nessa apresentação, pode-se observar a partir de uma escuta (Bastos, 2020, 2022) o quanto os corpos em movimento se constituem de experiências, experimentos e

⁶ FICHA TÉCNICA

Uma produção de Cristian Duarte em companhia

Coreografia e Direção: Cristian Duarte

Criação e Dança: Aline Bonamin, Allyson Amaral, Andrea Rosa Sá, Danielli Mendes, Felipe Stocco, Gabriel Fernandez Tolgyesi, Leandro Berton, Maurício Alves e Paulo Carpino

Acompanhamento dramaturgico: Júlia Rocha

Concepção sonora e Figurinos: em companhia

Performance sonora: elenco

Operação de som: Tom Monteiro

Iluminação: André Boll/Santa Luz

Fotografia: Mayra Azzi

Produção Executiva em 2023: Rafael Petri/MoviCena

Vídeo e Design: Iago Mati

Realização: 32a Edição do Programa Municipal de Fomento à Dança para a cidade de São Paulo —

Secretaria Municipal de Cultura, Bonobos Produções e ZONA

Apoio: Casa do Povo, Publica e Risotropical

Produção: Corpo Rastreado – Rodrigo Fidelis

Assessoria de Imprensa: Canal Aberto – Márcia Marques, Daniele Valério e Flávia Fontes

corporalidades significativas em suas práticas e narrativas corporais em estéticas compositivas não literais e nos modos de estar dos sujeitos em seus ambientes. A proposta de ativação aos corpos, também se fundamenta no pensamento de “emancipação” do espectador segundo Rancière (2012), no qual o embaralhamento da fronteira entre os que agem e os que olham, acontece entre indivíduos e membros de um corpo coletivo. Os espectadores e colaboradores longe de serem passivos se fazem implicados com o que é produzido na cena, observando o que está sendo apresentado, aguçando seu senso de avaliação e assim refinam seu olhar, escuta, percepção, conseqüentemente movendo-se segundo um ritmo próprio, abolindo fronteiras e fixidez de posições hierarquizadas.

Sugere-se aproximação ao termo *emancipação*, citado por Rancière (2012), que, segundo ele, se faz capaz de abolir oposições para pensar arte e performance, nesse caso, aproximam-se esses processos artísticos às experiências do espectador, ativando e ratificando sua interpretação quando também se faz “participante” da performance apresentada. Com isso, refazendo à sua maneira e compreensão, tornando-o de certa forma parte do espetáculo apresentado, ao associar as informações de/no corpo, com suas histórias, dessa forma tornando-se implicado na cena.

A emancipação, por sua vez, começa quando se questiona a oposição entre olhar e agir, quando se compreende que as evidências que assim estruturam as relações do dizer, do ver e do fazer pertencem à estrutura da dominação e da sujeição. Começa quando se compreende que o olhar é também uma ação que confirma ou transforma essa distribuição das posições (Rancière, 2012, p. 17).

O corpo ao estar mais uma vez frente às cenas que aparecem diariamente, seleciona compara e interpreta compondo com as informações que trazem em si, se tornando ativos, responsáveis e observadores naquilo que estão presenciando. Assim, a ativação a vários corpos se faz como dispositivo de luta coletiva, contra atitudes no qual o outro é visto como ameaça e, assim, precisa ser evitado como por exemplo: os atos de ódio, violência, homofobia, transfobia, racismo e cancelamento, os chamados microfascismos. Katz e Greiner (2005) destacam o quanto o corpo, imerso nesses discursos e contextos de violência, tem em seus aspectos mesmo não visíveis aparentemente, características que se esbarram e colam nesses corpos.

A arte, ao transformar essas informações que os atravessam diariamente em expressão artística e materializá-las na dança, faz a morte dobrar-se e dançar, expondo a vida como um excedente semiótico (Costa; Greiner, 2020). Esses discursos não estão

distanciados do que o neurocientista António Damásio (2000) define como *marcador somático*, cuja função é a de atuar como uma espécie de alarme/perigo ao organismo, transformando em imagem/danças aquilo que os perturba, violenta e desestabiliza.

A experiência da alteridade, ao *marcar* essas imagens, constitui-se como um dos operadores de movimento, que segundo Greiner (2017, p. 11), significa "tornar explícitas essas ações internas as circunstâncias em que os fluxos são rompidos, podemos refletir com mais clareza sobre nossos modos de vida, nossas escolhas e as singularidades dos processos de criação".

Ao retornar a imagens experienciadas e nas observações feitas concomitantemente às leituras realizadas durante esta pesquisa, observa-se cada vez mais que a separação entre palco e realidade parece estar superada. Não se trata de subverter os lugares, espectador, colaborador com atores, *performers* e dançarinos, não é essa a discussão, mas de reconhecer a emancipação de corpos em geral, atores sociais com suas implicações, insurgências e desdobramentos, e o poder que cada um tem em traçar um caminho interpretativo, a partir de seus espaços, cruzamentos e autonomia.

Torna-se necessário reconhecer o quanto enquanto o corpo é capaz de acionar outros caminhos, ativando-o e reposicionando-o ética e esteticamente enquanto atores envolvidos nas lógicas necropolíticas de vida e morte.

Considerações finais

Mesmo diante da possibilidade de construção de mundos possíveis, a partir da arte como ampliação da ideia de alteridade pela conjunção com as palavras nucleares escolhidas, agora incluindo emancipação, durante o trajeto desta pesquisa observou-se um descompasso em relação aos caminhos que levam pessoas a seguirem juntas. É necessário, portanto, chamar atenção para a escala de mortos, afinal, segue-se construindo e perseverando objetivos que em alguns momentos interseccionam e outros não. Esse espaço de reflexão com outros é necessário, caminhar em parceria interessa e contempla a todos e todas, como também quando a trajetória se refaz. De alguma forma trata-se de uma estratégia de sobrevivência, mas a observação sinalizada nesse texto vai além disso, busca compreender e reconhecer a impossibilidade de um tipo de vida individualista.

Essa digressão remete ao início texto, à ideia do jardim, um lugar heterotópico, e ao percurso da pesquisa, buscando romper espaços, fronteiras e entendimentos de corpo,

no qual o sistema os coloca em evidência, no topo, sendo uma armadilha, pois o próprio sistema o mata. Ou quando alguns discursos povoam falas contraditórias, separatistas e perpetuam um projeto de desigualdade continuada, como citado acima sobre a importância de caminhar juntos, e sobre o processo de exposição exagerada das vidas no ambiente virtual.

Conclui-se que expor a vida a partir da potência da arte com suas “marcas” parece ser um projeto instaurador de novos mundos, aprofundando e complexificando esse fazer com ações, proposições e/ou aglutinações em dança, fazendo ativos de muitas histórias, lembranças, memórias, sobretudo no entrelaçamento das variadas experiências e epistemologias, que podem contribuir na constituição de outras formas de agir dos corpos e conseqüentemente em mudanças para a compreensão das relações interpessoais e, com isso lançar luz sobre a importância de pensar mundos possíveis e em coletivo.

Referências

ALBUQUERQUE, Iara Cerqueira Linhares de. Corposcardumes insurgentes: ativando modos existência e reapropriação da vida. *In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 7, 2023, Brasília. Anais eletrônicos [...].* Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, 2023. p. 213-230.

ALBUQUERQUE, Iara Cerqueira Linhares de. **Deslocar para permanecer:** implicações políticas das redes digitais nos processos criativos colaborativos. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo, 2016.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia:** reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

BASTOS, Helena; MACEDO, Vanessa. Bordados de Corpus nas dramaturgias de testemunhos. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 7, 2022, edição virtual. Anais eletrônicos [...].* Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, 2022. p. 683-698.

BASTOS, Helena. Bordados de Corpus: os silêncios nos praticam. **Revista Aspas:** As Artes da Cena na fronteira da Saúde e da Educação: cuidado, clínica e criação, v. 12, n. 1, p. 99-115, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/aspas/issue/view/12946>. Acesso em 10 jan.2025

BASTOS, Helena. Corpo sem vontade imerso em coisas vivas. **Revista Rascunhos:** Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 5-22, 2020. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/55694>. Acesso em 02 jane.2025.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: Notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COSTA, Pablo Assumpção Barros; GREINER, Christine. Dobrar a morte, despossuir a violência: corpo, performance, necropolítica. **Conceição/Conception**, Campinas, SP, v. 9, n. 00, p. e020008, 2020. DOI: 10.20396/conce.v9i00.8661341. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8661341>. Acesso em: 28 jan. 2025.

DAMÁSIO, António. **O mistério da consciência**: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DEAN, Jodi. **Camarada**: um ensaio sobre pertencimento político. São Paulo: Boitempo, 2021.

DUARTE, Cristian. E nunca nossas mãos estão vazias [apresentação]. *In*: XXXII Edição do Programa Municipal de Fomento à Dança para a cidade de São Paulo. São Paulo, 2023.

FLICK, Uwe. A pesquisa qualitativa: relevância, história, aspectos. *In*: **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2004.17-29p., ISBN 978-85-363-0414-4

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico**: as heterotopias. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

GREINER, Christine. Em busca de uma metodologia para analisar a alteridade na Arte. **Conceição/Conception**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 10–21, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article>. Acesso em 07 jan. 2025.

GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos interdisciplinares. São Paulo: Annablume, 2005.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico**. São Paulo: Elefante, 2020.

KATZ, Helena; GREINER, Christine. Por uma teoria da corpomídia. *In*: GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinares. São Paulo: Annablume, 2005.

KATZ, Helena. Corpar. Porque corpo também é verbo. *In*: BASTOS, Helena. **Coisas vivas**. Fluxos que informam [recurso eletrônico]. São Paulo: ECA-USP, 2021. Disponível em: www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/716. Acesso em 7 jan. 2025.

KATZ, Helena. Quando “lugar de fala” se torna “fala do lugar”. *In*: MOURA, Gilsamara; EMILIO, Douglas de Camargo (org.). **Ágora**: modos de ser em dança. Alumínio. Jogo de Palavras, 2019, v. 2, p. 145-162.

KATZ, Helena. Repetir, repetir, até ficar diferente (Manoela de Barros, 2008): livrando a dança do (pré) fixo. *In: I ENCONTRO NACIONAL DOS PESQUISADORES EM DANÇA -ANDA*, 2011, Porto Alegre. **Anais ...** Dança: contrações epistêmicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MANCUSO, Stefano. **Nação das plantas**. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

MBEMBE, Achille. **Brutalismo**. São Paulo: n-1 Edições, 2021.

MOURA, Gilsamara. Censura, subversão e resistência das artes no pós-golpe de 2016 (Roda de Conversa). *In: I Seminário: subversão e resistência das artes em tempos de caos*. UESB: Vitória da Conquista, 2024. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=xOJFqNLzgN0>. Acesso em 03 fev. 2024.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.